



PERSPECTIVA MIGRATÓRIA: O INHAME NO MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DO GUAPORÉ/RO

*MIGRATORY PERSPECTIVE: THE YAM IN THE MUNICIPALITY OF
SÃO FRANCISCO DO GUAPORÉ /RO*

Débora Teixeira MACHADO¹

Artigo recebido em 28/01/2019 e aceito em 23/09/2019

RESUMO

Palavras-chave:
*Migração,
Territorialidade,
Inhame.*

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa monográfica realizada no ano de 2013 sobre a produtividade do inhame em São Francisco do Guaporé/RO. Tal pesquisa teve por objetividade evidenciar a cultura do inhame no interior do estado de Rondônia, consequência de um processo migratório ocorrido em meados de 1980 com a colonização do Estado. Propõem-se ressaltar a identidade migratória e sua dinamicidade no espaço agrário rondoniense. Para construção deste trabalho usou-se recursos fotográficos e entrevistas com representantes da cultura do inhame, especificamente os migrantes que ao sair rumo ao local de destino levaram consigo além de esperanças, um elemento cultural alimentar de seu cotidiano; o inhame.

ABSTRACT

Keywords:
*Migration,
territoriality,
Yam.*

The present article is a cut-out of a monographic research carried out the year 2013 on the yam yield in São Francisco do Guaporé/RO. This research had as objective to evidence the culture of the yam in the interior of the state of Rondônia, as a consequence of a migratory process occurred in the middle of 1980 with the colonization of the State. It is proposed to emphasize the migratory identity and its dynamicity in the agrarian space in rondoniense. For the construction of this work we used photographic resources and interviews with representatives of the yam culture, specifically the migrants who, on their way to their destination, carried with them, beyond hope, a cultural food element of their daily life; the yam.

1 INTRODUÇÃO

As migrações são formas de deslocamento que o homem sempre desenvolveu em sua busca constante por pertencer a um lugar, este por sua vez, deve garantir aos homens sua reprodução, quer seja social, econômica ou cultural. A geografia se interessa por esse deslocamento humano, que ao longo da história foi responsável por diversas transformações no espaço. O presente artigo visa enfatizar o quão o processo migratório vem contribuindo na dinâmica dos lugares, promovendo uma integração de culturas, como é o caso da produção de inhame em Rondônia iniciada por migrantes que reproduziram no novo; seus hábitos alimentares e costumes.

¹ Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (2014). Mestrado em andamento em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (2016). Professora de Geografia da rede estadual de ensino/RO. E-mail: debyunir@gmail.com.

A pesquisa que deu resultado a este artigo foi realizada em 2013 com alguns atores relevantes no contexto histórico da produção de inhame em Rondônia, para isso utilizou-se entrevistas e recursos fotográficos. As entrevistas foram feitas com os senhores João Bispo e Pedro Bispo dos Santos, ambos trouxeram as primeiras mudas de inhame de Itabaiana- SE para início do plantio; e outra entrevista com o senhor Rinardo José, uma das primeiras pessoas que viu a possibilidade de comercialização do produto.

Segundo Oliveira (2010) os eventos que marcaram a ocupação de Rondônia foram os grandes ciclos econômicos, como eventos o autor destaca: a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré; a construção da linha telegráfica; os dois ciclos da borracha natural; o ciclo do minério; a construção da BR-364 e o ciclo agropecuário, para o autor este último é o mais estável e impera até hoje dentre os grandes ciclos responsáveis pelo processo de ocupação humana do estado, sendo um dos principais motivos de atração para os migrantes.

O presente artigo propõe analisar o processo migratório e sua dimensão no espaço agrário de Rondônia a partir da produção de inhame no município de São Francisco do Guaporé, que embora não faça parte do consumo da população local é um produto que movimenta a economia do lugar. O trabalho foi desenvolvido a partir de referenciais bibliográficos, bem como, dados e informações no tocante a composição agrícola do espaço em questão. Para confiabilidade usou-se dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (EMATER-RO).

2 A GEOGRAFIA NO COMPASSO DA MIGRAÇÃO: ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

A ciência geográfica é apresentada como um conhecimento construído para a compreensão da relação do homem com o meio em que vive, uma relação que resulta na produção, transformação e organização do espaço geográfico. Segundo Fernandes (2015, p. 51) a vida em sociedade proporcionou maneiras cada vez mais complexas de reconfigurar o espaço. Assim, as maneiras de comunicar esse conhecimento tornam-se um importante fator a ser observado, pois a linguagem impõe um constante desafio à ciência. O desafio concentra-se na sistematização de termos, definições, ideias, pensamentos e reflexões para que se tornem operacionais.

Desde os primórdios o homem vivencia o processo de migração, ou seja, anseia ir em busca de um lugar onde possa pertencer, obviamente que no passado tratava-se de outras finalidades, já que, a busca por alimentação e sobrevivência era o que o movia. Muda-se o contexto, porém a essência permanece, o homem procura um lugar onde possa se reproduzir socialmente, culturalmente e economicamente.

Adentrando a trajetória da Geografia percebe-se que os debates mais longínquos se pautam na forma como o homem vivia e se reproduzia enquanto seres totalmente dependentes da natureza. A

revolução agrícola pela qual a humanidade passou, foi, sem dúvida, em evento de suma importância para a sobrevivência do homem, uma vez que, ao descobrir que podia plantar seu alimento, sua forma de viver mudou. Esse período da história marca o processo agrícola que aos poucos foi se consolidando, sobretudo, com o aperfeiçoamento das técnicas e a produção de alimento, diante do exposto podemos considerar que a agricultura foi uma atividade que transformou o modo de vida da humanidade e a relação que esta estabeleceu no espaço.

Para Damiani (2004 p. 39) “A discussão da migração tem um caráter estratégico no desvendamento da relação entre dinâmica populacional e o processo de acumulação de capital”. Segundo a autora as migrações foram importantes desde sempre na história do mundo, as pessoas saíam em busca de melhorias de vida.

Na atualidade este fenômeno permanece e é constante principalmente no que tange a economia; motivo de atração para vários migrantes. As complexidades no ir e vir ficam evidenciadas quando Haesbaert afirma que:

O trânsito entre diferentes territórios, ou mesmo a vivência, concomitantemente, de múltiplas territorialidades, e o contornamento de certos limites ou fronteiras territoriais -, nesse caso, conformando de certo limites ou fronteiras multi e/ou transterritorialidade – são processos que cada vez mais parecem compor experiências concretas na sociedade contemporânea. Chegamos a ponto, muitas vezes, de vivenciarmos uma quase completa indistinção de quem/o que está dentro e o que está fora de um território, quais são os limites territoriais de ação de uma ou outra modalidade de poder (HAESBAERT, 2011, p. 16).

Nessa perspectiva histórica, as migrações são fatores determinantes que modificam o território, não importando assim, se essa migração é temporária ou permanente, ela sempre modifica o lugar em que ocorreu. Nesse processo dinâmico o indivíduo sofre a desterritorialização, e ao chegar ao lugar onde residirá ocorre a territorialização, pois há uma parcela de sacrifício e aventura que requer muita garra e coragem por parte do migrante que muitas vezes deixa seu grupo social para residir em outro lugar onde as pessoas são desconhecidas e possuem diferentes costumes e crenças. (Machado & Marques, 2016)

Segundo Ruiz (2003, p. 177) o lugar de origem e o de adoção são duas coisas distintas. O novo é associado à frente da expansão, a fronteira onde a realidade é mais dinâmica, onde tudo está em formação quando da sua vinda pra cá, aqui é o outro, o lugar onde tudo é, e pode ser diferente. Pensar a migração em Rondônia requer elencar os fatores e processos de colonização ocorridos em prol da ocupação do estado na década de 1970, onde o governo propôs ocupar a Amazônia como uma forma estratégica frente à modernização no campo que vinha ocorrendo nas regiões sul e sudeste do Brasil.

Diante do exposto, conclui-se assim, que a migração ocorrida em Rondônia foi interna, ou seja, os movimentos de pessoas de um estado para outro com anseio de melhorias no seu modo de vida. Amaral (2004, p. 72) nos diz que a colonização representa uma atividade na produção do espaço

agrário brasileiro, que se caracteriza como processo social complexo de dupla dimensão; espacial e temporal, onde, forças sociais em conflitos, interagem produzindo relações sociais.

Ao partir para novas terras o migrante se preocupa com a possibilidade de reprodução social, ao ir para o novo se preocupa em manter sua identidade. Nesta perspectiva Tavares dos Santos (In: AMARAL, 2004) nos diz que a migração surge como alternativa às condições insatisfatórias de vida, marcada pela expropriação sucessiva de seu trabalho excedente.

Rondônia surge de uma ocupação ordenada por meio de estratégias, onde segundo Amaral (2004) tal ocupação, que teve início na década de 70 se caracterizou por impedir que um número considerável de indivíduo pudesse ter acesso à terra. Utilizando-se de uma estratégia geopolítica, o Estado brasileiro procurou assegurar e controlar o domínio do espaço através das políticas de ocupação do território, por meio de órgãos federais, como a exemplo do INCRA criado em 1970.

Ao tratar da colonização em Rondônia Cunha (2015, p.12) nos diz que: “O choque cultural foi inevitável neste processo, que colocou pessoas de distintas regiões em um mesmo local. Sotaques e formas diferentes de lidar com a terra e com o rebanho começaram aos poucos a se misturar em novas configurações, não apenas sociais, mas também de produção laboral”.

No processo migratório para Rondônia, muitos se deslocaram e trouxeram com eles a cultura e vários hábitos. Ser migrante em outro lugar implica em atos, falas e hábitos muito peculiares que evocam uma origem referenciada em um passado, consolidado de domínio coletivo e individual, validando assim a identidade reivindicada. É importante destacar que os migrantes só permanecem num determinado lugar quando conseguem reproduzir sua cultura nesse novo território ao qual estão tentando se adaptar e se reconhecer como parte integrante desse meio, por isso sua cultura é expressiva onde quer que vá.

O trabalho foi desenvolvido a partir de referenciais bibliográficas, bem como, dados e informações no tocante a composição agrícola do espaço em questão. Para confiabilidade usou-se dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (EMATER-RO). A pesquisa na qual resultou este artigo foi realizada com alguns atores relevantes no contexto histórico da produção de inhame em Rondônia. Para isso, utilizou-se entrevistas e recursos fotográficos. As entrevistas foram feitas com os senhores João Bispo e Pedro Bispo dos Santos, ambos trouxeram as primeiras mudas de inhame de Itabaiana (SE) para início do plantio; e outra entrevista com o senhor Rinardo José, uma das primeiras pessoas que viu a possibilidade de comercialização do produto.

O método ao qual a pesquisa foi desenvolvida é o etnográfico, usado sobretudo para compreender uma determinada realidade social, permitindo a aproximação que favorece a coleta de dados nas respectivas fontes, utilizando os principais instrumentos como observação participante, os entrevistados, os documentos pessoais, com o propósito de proceder a investigar dados descritos,

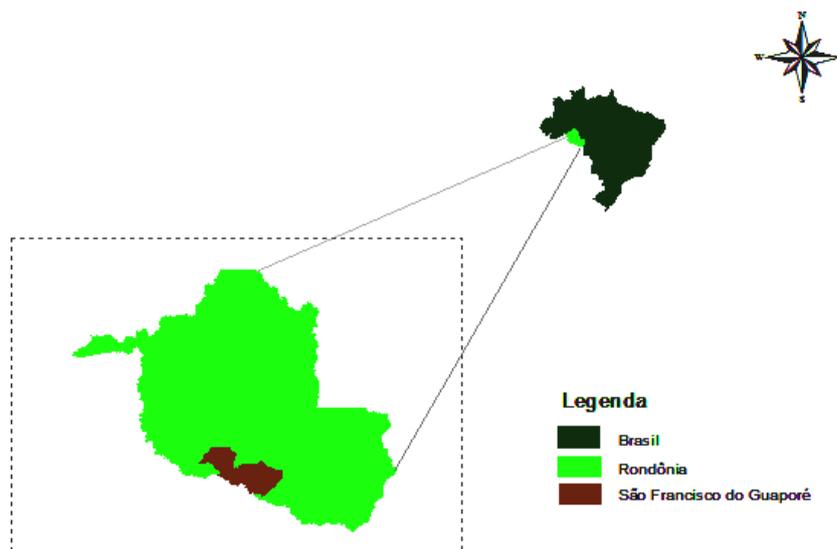
palavras escritas e/ou orais, em condutas observáveis dos populares participantes, de conhecer as pessoas e perceber como elas desenvolvem suas próprias definições (López, 1999 p. 46)

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

São Francisco do Guaporé é um município pertencente a região do Vale do Guaporé em Rondônia (Figura 1). Possui uma extensão territorial de 10.959,767 km². A população em 2010 era 16.035 habitantes. De acordo com o último censo, a população se distribui em 51% residente na área urbana e 48% residente na zona rural.

O município em questão é o mais recente em criação do estado de Rondônia, criado em 1995, com uma extensa área territorial, diversas atividades se destacam em sua geografia, a exemplo do turismo rural e a pesca esportiva. A geografia do município apresenta uma vegetação nativa composta por floresta ombrófila aberta e áreas das formações pioneiras de influência fluvial com relevo variando de Depressão do Guaporé com Residuais da Amazônia. Quanto ao uso das terras, os aspectos ambientais do ecossistema são constantemente modificados pelas atividades desenvolvidas pelo agronegócio, caracterizando a formação de agroecossistemas com predominância para pecuária leiteira e de corte (IDARON, 2008).

Figura 1. Mapa de Localização de São Francisco do Guaporé-RO



Organizado por: Machado. D.T, 2017. Fonte: IBGE, 2007.

De acordo com Diagnóstico local do município de São Francisco do Guaporé (2008, p. 3) este é um dos municípios rondonienses em franco desenvolvimento nos últimos anos, baseando sua

economia na extração da madeira, na pecuária e na agricultura, atraindo migrantes do próprio estado em busca de oportunidades.

4 INHAME EM RONDÔNIA

A produção do inhame (*Dioscorea* spp.) em Rondônia decorre de um processo migratório que ocorreu no Vale do Guaporé em meados da década de 80, juntamente com a colonização da Região feita pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Os migrantes oriundos do Estado de Sergipe especificamente do município de Itabaiana, procuraram reproduzir seus hábitos alimentares e apesar da resistência por parte de alguns agricultores em investir no cultivo da hortaliça, a demanda nacional pelo produto nos últimos anos impulsionou a plantação local (MACHADO, 2014 p. 41).

Segundo Carvalho et al (2011 p.112) a cadeia de comercialização do inhame importado de Rondônia se inicia com a obtenção desse produto junto a produtores ou pequenos intermediários urbanos. O inhame produzido em Rondônia é praticamente todo comercializado para o Nordeste, ainda que seja um produto com ótimas propriedades nutritivas há certa resistência na inclusão deste alimento na mesa da população rondoniense.

Figura 2. Plantação de inhame em São Francisco do Guaporé/RO



Fonte: Machado, 2016.

As imagens da Figura 2 apresentam os produtos separados considerados ideais para exportação e uma plantação de inhame, nas quais se pode visualizar o cultivo com sistema de tradicional de cultivo do produto, bem como, as túberas selecionadas para comercialização.

5 PIONEIRISMO E MIGRAÇÃO

A produção do tubérculo em Rondônia decorre de um processo migratório que ocorreu no Vale do Guaporé em meados da década de 1980. Geralmente é uma atividade secundária realizada com outras atividades agropecuárias. O aumento produtivo do inhame na região se deu pela demanda do produto, ou seja, o mercado consumidor garantido atraiu muitos agricultores familiares para a atividade em questão. Inicialmente a estrada que não era pavimentada constituía um desafio aos produtores, após sua construção que iniciou em 2012 foi possível notar uma expansão do cultivar em toda a região (MACHADO, 2014 p. 33).

Como já foi mencionado anteriormente as migrações só ocorrem quando de fato há motivos para seu acontecimento, geralmente os motivos de repulsa estão relacionados a insatisfação vivenciada no lugar, por isso o ser humano propõe novas estratégias, chegando à conclusão que é preciso partir. As propagandas foram em parte, responsáveis pela chegada de pessoas em Rondônia, atraídos pelo acesso a terra, muitos migrantes aqui chegaram, e um deles foi o senhor João Bispo dos Santos, um sergipano que veio atrás da promessa de uma vida melhor e de um pedaço de terra. Em entrevista realizada com o senhor João ele deixa nítido o amor que tem pelo nordeste, mas ao mesmo tempo evidencia o quão a seca e a falta de recursos o tornaram um rondoniense de coração.

Em 1986 o senhor João Bispo dos Santos após conseguir uma terra pelo INCRA no distrito de Porto Murtinho (linha 4 Km 2) município de São Francisco do Guaporé, propõe juntamente com seu amigo Pedro Bispo dos Santos (que também migrou para a região no mesmo período) trazer de seu local de origem Sergipe, a cultura do inhame. Em relatos de sua viagem o senhor João revela que pela dificuldade enfrentada na época, trouxe apenas algumas túberas-semente de cará da costa (*cayannensis*).

De início o inhame plantado pelo senhor João sofreu ataque de pragas e todas as sementes se perderam; já o senhor Pedro conseguiu salvar seus tubérculos, e assim ambos começaram a plantar em suas terras o produto, que se adaptou bem ao clima e ao solo da região. Outro grande desafio enfrentado pelos sergipanos foi à resistência dos produtores em investir em um produto pouco conhecido em Rondônia. Na tentativa de inserir o inhame, sobretudo como alimento para a população, João começou uma divulgação do produto na região, em sua fala ele expressa bem essa situação “No início a gente dava inhame para os vizinhos, para os porcos, pras galinhas e levava pra cidade pra dar aos amigos” (Entrevista com o senhor João Bispo dos Santos, realizada em Janeiro de 2013).

A divulgação obteve sucesso e uma das primeiras pessoas a se interessar pelo inhame foi o senhor Rinardo José Del Pino; popular Nico. Em 1993, ao comprar uma propriedade na região de Porto Murtinho, ele procurou se informar sobre o produto, sobretudo, se seria viável para comercialização, decidiu então investir no cultivar.

Atualmente o senhor João Bispo reside na zona rural do município de São Francisco do Guaporé e sua família (filhos, netos) permanecem na atividade inhameira. Em entrevista; ele reconhece o quão o produto vem se destacando e se emociona ao lembrar-se de sua trajetória. Reconhecendo assim, que o novo é um lugar de possibilidade, o migrante reproduz no lugar de destino sua cultura e seus hábitos, nessa pesquisa fica nítida tal reprodução, ao perceber que a festividade é algo tão marcante no município.

A agricultura do inhame se mostra promissora na região do Vale do Guaporé. Em 2010 a Secretaria da Agricultura promoveu a entrega de tratores e implementos às prefeituras e associações rurais para atender aos pequenos produtores com essa atividade. A produção da hortaliça é importante do ponto de vista econômico, e o governo municipal investe no cultivo, proporcionando diversas ações voltadas a atividade em questão, a exemplo; a entrega de mudas de inhame, onde o senhor João disse ter sido um passo essencial para que os produtores se interessassem pela produção, tal ação ocorreu no ano de 2011.

Em Rondônia geralmente o inhame é uma atividade secundária ou realizada junto com outras atividades agropecuárias, porém, é extremamente importante do ponto de vista socioeconômico da região, possuindo assim grande relevância para a agricultura familiar do município. Sabe-se, portanto, que o fator cultural é extremamente expressivo no migrante, que mesmo ao ir para o novo e desconhecido procura reproduzir sua cultura e seu modo de viver, propondo sempre manter sua essência e suas territorialidades (MACHADO, 2014 p.41). É interessante analisar o quão um produto inserido pelo processo migratório possui uma dimensão territorial a ponto de modificar a forma econômica de um lugar, na verdade o estado de Rondônia em seu contexto econômico sempre foi movido por ciclos, onde os migrantes constituíam parte essencial nesse processo.

Um dos principais motivos para a expansão produtiva do inhame no município de São Francisco foi à pavimentação da principal via de acesso, a rodovia BR-429, que liga a região do Vale do Guaporé aos demais municípios do estado. Tal rodovia que começou a ser construída em 2012 ainda está em fase de acabamento, vem contribuindo significativamente para o crescimento da produção de inhame ao longo do Vale do Guaporé e vários agricultores foram atraídos pelas oportunidades de crescimento econômico oferecido pelo cultivar. A Figura 3 mostra um trecho da rodovia pavimentada.

O inhame é um produto que faz parte da economia rondoniense há 19 anos, desde a primeira carga comercializada para o nordeste brasileiro, esse produto está em expansão no estado de Rondônia. Trazido por migrantes, que vieram em busca de oportunidades, o inhame tornou-se uma

opção agrícola de muitos agricultores familiares e na atualidade é considerado o carro-chefe na economia de São Francisco do Guaporé.

Figura 3. Foto da Rodovia federal 429 em São Francisco do Guaporé/RO



Fonte: Machado, 2017.

A produção agrícola do inhame atraiu migrantes de outras regiões do estado e sua expansão tornou-se notícias de circulação no âmbito estadual e nacional, como apresentado na Figura 4, que mostra uma notícia publicada no ano de 2017 e informa sobre a expansão produtiva do inhame, elucidando a região do Vale do Guaporé como a mais expressiva do Estado. É possível destacar também a perspectiva de mercado da produção de inhame em Rondônia. Essas notícias divulgadas em âmbito estadual têm como intuito informar sobre o panorama da produção, percebe-se assim, quanto os agricultores familiares investem no cultivar, sobretudo na região do Vale do Guaporé, onde de fato, o inhame tornou-se uma alternativa economicamente satisfatória para o interior do estado.

Figura 4. Notícia sobre a perspectiva de mercado para o inhame em Rondônia.

EXPORTAÇÃO

Inhame de Rondônia desperta interesse de exportadora para comercialização na América do Norte

30 de março de 2017 | Governo do Estado de Rondônia

Considerada a maior produtora de inhame do Estado de Rondônia, a região do Vale do Guaporé conquista novos mercados para exportação da produção local. A visita realizada à região pela empresa exportadora Atlântica Comércio de Grãos, sediada no Estado do Espírito Santo, trouxe grandes perspectivas para o comércio direto com outros países e a certeza de que investir na cultura é um bom negócio para a economia local.



A Atlântica Comércio de Grãos, representada por Frederico Camargo, é responsável pela exportação de produtos brasileiros para os Estados Unidos. Com a parceria viabilizada pela Empresa Estadual Autárquica de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-RO), a cultura do inhame será comercializada de forma direta pela empresa.

"Hoje, a produção de inhame do Vale do Guaporé vem sendo absorvida por municípios, como Ji-Paraná e Cacoal, e parte de sua comercialização é destinada ao Nordeste brasileiro, de lá, outra exportadora negocia o produto com países como Paquistão e Holanda. Com a exportadora Atlântica Comércio de Grãos, a compra será feita diretamente em nossa região". explicou Luciano Brandão, gerente da Emater-RO no Território do Vale do Guaporé.

Produção de inhame no Vale do Guaporé foi visitada por representante da Atlântica Comércio de Grãos

Fonte: <http://www.emater.ro.gov.br/ematerro>. Acesso em: 30/3/2017.

Em 2015, houve uma tentativa de inserir o inhame no cardápio de algumas escolas do Vale do Guaporé (Região mais produtora de inhame em Rondônia), porém não foi bem aceito pelos alunos. Essa não aceitação do produto pelas crianças explica-se pelo fato de muitos não consumirem em casa, ou seja, não possuem o hábito de consumir inhame nas refeições. Considerado um alimento com excelentes propriedades nutritivas, o produto não foi bem aceito pela população rondoniense e seu destino é, com efeito, a exportação.

6 A FESTIVIDADE: IDENTIDADE DO MIGRANTE

Ao apontar a perspectiva dos Estudos Culturais contemporâneos Colferai (2010, p. 103), afirma que a cultura é tomada como ponto central na discussão e estudo dos fenômenos sociais, e determinantes na alteração dos modos de viver, causando impacto sobre os sentidos dados à vida. A partir das particularidades e contrastes da ocupação agrícola e da formação atual da população de Rondônia se formam as identidades

Para Almeida (2010) mais que uma geografia concreta, a festa engendra e constitui uma geografia simbólica e o espaço é revestido de uma dimensão mítica. Nos espaços rurais, a festa contribui para forjar os espaços relacionais da localidade, participa plenamente do processo de construção simbólica dos territórios da localidade. Construções simbólicas e construções políticas, porém, frequentemente estão juntas porque o território se identifica, sempre mais ou menos, a um instrumento de poder que se exerce sobre os homens, e a festa, na sua territorialidade constitui uma manifestada forma de política conduzida pela comunidade.

Mediante aceleradas transformações dos espaços e a aproximação entre campo e cidade às relações espaciais e as festas perderam suas características típicas rurais, mas permanecem como elemento primaz de agregar os membros da comunidade rural e dar-lhes identidade. (OLIVEIRA, 2015, p. 2783)

A festa do inhame desde sua primeira realização no ano de 2006 tem sido um evento com a participação da população, muito embora, o consumo deste produto seja pequeno. A esposa do senhor João Bispo foi quem ensinou alguns pratos típicos a base de inhame, para as mulheres da associação rural, principalmente o pudim, que já era uma receita de família. Desde então, a família do senhor João vem contribuindo para que as primeiras festividades pudessem acontecer, muito embora eles não participassem efetivamente da festa.

O evento que acontece desde o ano de 2006 no município de São Francisco do Guaporé tem o intuito de comemorar o sucesso da colheita e angariar fundos para a associação responsável pela realização da festa: a ASMURPORT (Associação de mulheres do Porto Murtinho) O evento que já entrou para a história da festividade local se caracteriza pela culinária feita exclusivamente com o inhame, onde geralmente a população tem a oportunidade de experimentar os pratos típicos a base desta hortaliça.

Para Matias (2014, p. 14), os produtores têm na agricultura e em seu trabalho cotidiano não apenas um modo de produzir, mas, também, um modo de viver, renascendo, assim, uma forte necessidade de identidade cultural e de pertencimento. Para a autora:

Os estudos sobre território possuem diferentes dimensões, abordagens e perspectivas. Nesse sentido, o território do produtor rural não pode ser entendido como um local onde a população habita, e sim com suas diferentes vertentes, abordagens e relações na sociedade. É no território que se efetivam suas relações sociais e econômicas, tendo ele um valor inestimável para esses produtores, graças ao mesmo e suas relações internas e externas, que constituem um modo de vida específico dessas famílias. (2014, p. 42)

A festa surge como um frescor na labuta do produtor familiar, geralmente o evento acontece logo que a colheita acaba (maio/junho), são dois dias de festejo e apreciação dos pratos feitos à base de inhame. A alimentação não é o único atrativo da festa, geralmente há competições entre os

produtores em relação a maior quantidade (ha) produzida, bailes com bandas regionais. (MACHADO, 2014)

A festa do inhame é realizada no distrito de São Francisco do Guaporé; o Porto Murtinho, localizado há aproximadamente 42 km da sede do município, o evento conta com a participação da Emater e de representantes políticos, sobretudo da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, que já pronunciou ser o inhame um dos principais produtos econômicos do município.

Dentre os alimentos produzidos o pão e o pudim de inhame têm mais aceitação pelo consumidor, mas para a festa são feitos também biscoitos, tortas, pizzas, pasteis, sorvete, purê, bolo e o tradicional inhame frito. O sabor do inhame in natura não é muito apreciável, isso pela quantidade de rizofaros que o produto possui, deixando um gosto meio amargo (PEIXOTO NETO et al, 2000) por esse motivo todos os pratos são feitos com inhame pré-cozido exceto o inhame frito.

As fotos expostas na Figura 5 mostram os alimentos produzidos na festa, juntamente com as mulheres da ASMURPORT que preparam os produtos para comercialização. As mulheres geralmente ajudam o marido em todo o processo do cultivo do inhame e algumas relataram ter incorporado o produto em sua dieta alimentar, onde o pão feito à base do tubérculo tem grande apreciação.

Figura 5. Produtos à base de inhame preparado pelas mulheres da ASMURPORT



Fonte: Machado, 2013.

Mediante a pesquisa apresentada percebe-se que a festividade é uma reprodução social e cultural que exprime uma identidade no território, no caso dos produtores de inhame de São Francisco do Guaporé, a festa surge como forma de divulgar a produção, já que o consumo local ainda se mostra pequeno diante da produção. Nesse sentido pode-se afirmar que a cultura dos nordestinos que trouxeram o produto para a região foi de fato reproduzida e mesmo não constando no cardápio local, o produto possui uma significância em seu contexto socioeconômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se no presente trabalho refletir sobre o espaço agrário de São Francisco do Guaporé, sobretudo, na produção de inhame que decorre de um processo migratório, nesse sentido, Rondônia, é um estado que se formou com uma grande massa de migrantes, oriundos de diversos locais do Brasil, que aos poucos foram inserindo nesse local de destino novas formas de trabalhar na terra. Nesse contexto, a produção de inhame já entra na tradição agrícola do lugar, ainda que seja destinada basicamente a exportação, a produção possui uma grande relevância na agricultura familiar do município.

As migrações constituem assuntos relevantes na ciência geográfica, pois o contexto em que estas se inserem vão transformando os lugares, ocorrendo assim, novas configurações no espaço. A identificação das novas formas de produção no espaço agrário Rondoniense se mostram necessárias para que se compreenda melhor a dinâmica gerada por tal processo produtivo, no caso do inhame produzido no Vale do Guaporé, especificamente no município de São Francisco, foi possível notar o quão o produto está ascendente na economia municipal.

Outro fator a ser destacado é a festividade, o evento que já faz parte do calendário agrícola do município, é uma forma de divulgar a cultura, uma vez que, a alimentação é feita a base do produto. Os ensinamentos dos primeiros pratos produzidos com o produto foram feitos pela família dos migrantes que já tinham o hábito de consumir o inhame em seu cardápio diário, ainda que, a preferência seja do produto apenas cozido, foi possível realizar diversos pratos; como o pão e o pudim, que possuem certa preferência no gosto do consumidor.

O estudo foi uma contribuição no entendimento histórico-cultural da produção de inhame em Rondônia, que ocorreu em função de um processo migratório ocorrido na região do Vale do Guaporé em meados da década de 1980, as duas famílias que trouxeram as primeiras túberas da hortaliça vivem na terra que conquistaram e possui nessa atividade até hoje uma fonte de renda, os filhos e netos que aqui nasceram trabalham com a produção e comercialização do inhame.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Januário. *Mata virgem: Terra prostituta*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. In: *Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales*. Vol. XV, nº 919, 15 de abril de 2011- Universidad de Barcelona. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-919.htm> Acesso: 18/5/2015
- CARVALHO, Diana Mendonça de. *Comercialização de hortifrutigranjeiros em Itabaiana-SE / – São Cristóvão*, 2010. 229 f.: il. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2010.
- _____; COSTA, José Eloízio da. Distribuição de hortaliças e raízes em Itabaiana/SE. In: *Mercator*, Fortaleza, v. 10, n. 21, p. 103-119, jan./abr. 2011. Disponível em: www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/articula/viewFile/410/332 Acesso 10/9/2012. Acesso: 13/10/2012.
- COLFERAI, Sandro Adalberto. Imigração e identidade cultural: a representação de uma identidade preferencial no interior de Rondônia. *Revista Labirinto – Ano X, nº 13 – agosto de 2010*. Disponível: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/viewFile/921/906> Acesso: 9/8/2014.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.
- CUNHA, Elton Alves da. A recente ocupação: migração e territorialização em Rondônia. *XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434397453_ARQUIVO_ARECENTEOCUPOCAO-editado.pdf Acesso: 23/02/2016.
- DAMIANI, Amélia Luisa. *População e Geografia*. 8ª Edição - Contexto. São Paulo, 2004.
- DIAGNÓSTICO LOCAL DO MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DO GUAPORÉ. Fundação universidade federal de Rondônia - Centro de estudo e pesquisa em saúde coletiva, 2008. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diagnostico_Local_Sao-Francisco-do-Guapore-RO.pdf Acesso: 14/8/2011.
- FERREIRA, Darlene A. de Oliveira. Geografia Agrária no Brasil: conceituação e periodização. *Terra Livre*, São Paulo n. 16 p. 39-70 1º semestre/2001 Disponível em: www.tiberiogeografia.com.br/texto/TextoUvaGeografiaAgraria.pdf Acesso em: 20/8/2012
- FERREIRA, Darlene A. de Oliveira. Mundo rural e geografia. *Geografia Agrária no Brasil: 1930 - 1990*. Cap.1. In: *Geografia Agrária no Brasil: conceitos e tempos*. São Paulo: editora UNESP, 2002.
- FERREIRA, Gustavo Henrique Cepolini. A colonização em Rondônia: lutas e perspectivas da agricultura camponesa. *Linguagem Acadêmica*- v. 1. Batatais/SP 2011. Disponível em: <http://claretianobt.com.br/download?caminho=upload/cms/revista/sumarios/30.pdf&arquivo=sumario8.pdf>. Acesso: 13/03/2016
- HAESBAERT, Rogerio. Multi/transterritorialidade e “contornamento”: do transito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços. In FRAGA, Nilson Cesar (Org.) *Território e Fronteiras*. Florianópolis: Ed. Insular, 2011. p.15-32.
- HAURESKO, Cecília. Reflexões sobre o campo Brasileiro. Cap. II. p. 115-140. In: *Estudos Agrários: conceitos e práticas*. FERREIRA & FERREIRA (Org). Rio Claro: IGCE/UNESP, 2009. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-8-p-215-229.pdf> Acesso: 26/6/2011.
- LEI Nº 11.326, DE 24 DE JULHO DE 2006. *LEVANTAMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DE SÃO FRANCISCO DO GUAPORÉ*. Agência de defesa sanitária Agrosilvopastoril do estado de Rondônia – IDARON, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm
- LÓPEZ, Graciela Lima. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. *Revista: Textura: Canoas* n. 1 2º semestre de 1999 p. 45-50. Disponível em: [www.periodicos.ulbra.br › index.php › txra › article › download](http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download) Acesso: 23/5/2019.
- MACHADO, Débora Teixeira. *Agricultura rondoniense: análise da produção local de inhame no município de São Francisco do Guaporé*. (Monografia) Porto Velho/RO, 2014. 81 f.
- MACHADO, Débora Teixeira; MARQUES, Simone Gomes. A influência cultural sulista na regionalização rondoniense. In: *Rev. Igarapé*, Porto Velho (RO), v.1, n.1, p. 71 - 81, 2016.
- MARTINS, Márcio Marinho. Colonização recente e a luta pela terra em Rondônia. *Revista Labirinto* - ISSN: 1519-6674/ Rondônia, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/977/1001> Acesso: 18/5/2015.
- MATIAS, Cristina Agla Cardoso; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Agricultura Familiar: a Comunidade Anta Gorda no município de Catalão (GO). *Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária*- Uberlândia/MG, 2012. Disponível em:

- <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/index.html>
Acesso: 12/9/2015.
- MESQUITA, Augusto Sávio. Inhame e taro: cenários dos mercados internacional, brasileiro e baiano. *Bahia Agrícola.*, v.5, n.2, nov. 2002. Disponível em:
www.seagri.ba.gov.br/pdf/v5n2_inhame_taro.pdf
Acesso: 21/10/2012.
- MESQUITA, Benjamin Alvino de. *O desenvolvimento desigual da agricultura: a dinâmica do agronegócio e da agricultura familiar*. EDUFMA/São Luís, 2011.
- OLIVEIRA, Cibele Marto de. Tempo, espaço e identidade das festas em bairros rurais de rio claro e Codeirópolis – SP. *XI Encontro nacional da ANPEGE*. 2015. Disponível em:
<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/9/268.pdf> Acesso: 23/5/2016.
- OLIVEIRA, José Lopes de. História, Ocupação e Ordenamento da estrutura fundiária de Rondônia. In: *Rondônia: Geopolítica e estrutura fundiária*. Porto Velho: Grafel, 2010. p.296 – 332.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária*. Labur Edições. São Paulo, 2007, 184p. Disponível em:
http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/Livro_ari.pdf
Acesso: 6/9/2012.
- PEDRALLI, Gilberto et al. Uso de nomes populares para as espécies de Araceae e Dioscoreaceae no Brasil. In: *Revista de Horticultura Brasileira*. Brasília, v. 20, n. 4, p. 530-532, dezembro 2002. Disponível em:
<http://emepa.org.br/anais/volume1/av119.pdf>
Acesso: 15/9/2012.
- PEIXOTO NETO, Pedro Accioly de Sá. (org)... [et al]. *Inhame: o nordeste fértil*. Maceió: EDUFAL, 2000. 88 p.
- RUIZ, Castor Bartolomé. *Os Paradoxos do Imaginário*. São Leopoldo: editora UNISINOS, 2003.
- SANTOS, Carlos. *A fronteira do Guaporé*. Eudfro. Porto Velho/RO. 2007.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. 5º ed. São Paulo: Hucitec, 1997
- SILVA, Avacir Gomes do Santos. *Culturas desviantes: andanças amazônicas pelo Vale do Guaporé*. Editora UFG-Goiânia, 2014.
- SILVA, Ricardo Gilson da Costa. *Dinâmicas territoriais em Rondônia: conflitos na produção e uso do território no período de 1970-2010*. USP, São Paulo, 2010.
- SILVA, Ricardo Gilson da Costa. *Agronegócio e campesinato em Rondônia*. In: *Geografia Agrária no Brasil: Disputas, conflitos e alternativas territoriais*. Gustavo H. Cepolini Ferreira (Org.). Paco Editorial, Jundiá-SP, 2016.